



PESQUISA

A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-Pi
Self-medication among students of an institution of higher education Teresina - Pi
La practica de la automedicación entre estudiantes de una institución del ensino superior de Teresina-Pi

Wemíria de Fátima Lima Lopes¹, Mara Rejane de Oliveira Marques Coelho², Jainara Pereira de Oliveira³,
 Yasmim Maria de Oliveira Araujo⁴, Maria do Carmo Nogueira Melo⁵, Fabrício Ibiapina Tapety⁶

RESUMO

O uso indiscriminado de medicamentos pode colocar em risco a saúde de boa parte da população. Este estudo objetivou investigar a prevalência e as características da automedicação entre estudantes de diversas áreas de graduação de uma instituição privada de Teresina - PI. Esta pesquisa é um estudo epidemiológico descritivo com abordagem quantitativa e descritiva de cunho transversal. Para coleta dos dados aplicou-se um questionário para avaliar conhecimentos e comportamentos sobre automedicação em 280 estudantes de graduação. Do total de 280 acadêmicos avaliados, 256 (91,4%) realizaram automedicação, adquirindo medicamentos sem prescrição médica. A automedicação foi identificada em 53 (94,64%) dos estudantes de odontologia, 64 (94,12%) em enfermagem, 79 (89,8%) em direito e em 17 (68,0%) dos estudantes de radiologia. Em contraste, verificou-se que as taxas mais elevadas estavam entre os acadêmicos de administração e engenharia civil (100%). Os dados constatados propõem que a automedicação é uma prática comum entre estudantes de cursos na área de saúde, ciências exatas e humanas. **Descritores:** Automedicação. Estudantes universitários. Área de estudo.

ABSTRACT

The indiscriminate use of drugs can jeopardize the health of much of the population. This study aimed to investigate the prevalence and characteristics of self-medication among students from different areas of graduation from a private institution of Teresina - PI. This research is a descriptive epidemiological study with quantitative and descriptive approach to cross punch. The data collection was applied a questionnaire about knowledge and behaviors about self-medication in 280 undergraduate students. Of 280 students evaluated, 256 (91.4 %) were self-medication, purchasing non-prescription drugs. Self-medication was identified in 53 (94.64 %) of dental students, 64 (94.12 %) in nursing, 79 (89.8 %) on right and 17 (68.0 %) of students of radiology. In contrast, it was found that the highest rates were among the academic administration and civil engineering (100 %). The data recorded propose that self-medication is a common practice among students of courses in health sciences and the humanities. **Descriptors:** Self-medication. Students. Study area.

RESUMEN

El uso indiscriminado de medicamentos puede poner en peligro la salud de gran parte de la población. Este estudio tuvo como objetivo investigar la prevalencia y características de la automedicación entre los estudiantes de las diferentes áreas de estudios de una institución privada de Teresina - PI. Esta investigación es un estudio epidemiológico descriptivo, con enfoque cuantitativo y descriptivo de golpe cruzado. La recolección de datos se aplicó un cuestionario sobre conocimientos y comportamientos acerca de la auto - medicación en 280 estudiantes de pregrado. De 280 estudiantes evaluados, 256 (91,4 %) fueron la automedicación, la compra de medicamentos sin receta. La automedicación fue identificada en 53 (94,64 %) de los estudiantes de odontología , 64 (94,12 %) en enfermería, 79 (89,8 %) a la derecha y 17 (68,0 %) de los estudiantes de la radiología. En contraste, se encontró que las tasas más altas se encuentran entre la administración y Ingeniería civil (100 %). Los datos registrados proponer que la automedicación es una práctica común entre los estudiantes de los cursos de Salud, como en las áreas de Ciencias Exactas y Humanas. **Descritores:** Automedicación. Estudiantes universitarios. Áreas de estudio.

¹ Bacharel em Biomedicina pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí. E-mail: wemiria18@hotmail.com. ² Bacharel em Biomedicina pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí. E-mail: marabjcoelho@hotmail.com. ³ Graduando de Biomedicina do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí. E-mail: jaynara_happ@hotmail.com. ⁴ Graduando de Biomedicina do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí. E-mail: yasmimyokoono@hotmail.com. ⁵ Graduando de Biomedicina do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí. E-mail: mariia.mello94@hotmail.com. ⁶ Doutor em Reabilitação Oral - USP/Bauru. Docente do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí. E-mail: fabricio100@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O problema do uso indiscriminado de medicamentos na atualidade, pode colocar em risco a saúde de boa parte da população brasileira e mundial, pois essa prática por ser mais comum do que se tem conhecimento, é de difícil controle.

A automedicação, processo cultural largamente disseminado, gera diversas discussões na comunidade médica-farmacêutica. Para Schmid, Bernal e Silva (2010), o ato de se automedicar consiste em selecionar e fazer uso de medicamentos com a finalidade de tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas e deve-se ser entendida como um dos elementos do autocuidado. Na realidade, trata-se da obtenção ou produção e consumo de um determinado produto, através do qual se acredita alcançar a cura no tratamento de doenças.

Contudo Pachelli (2003) diz que a automedicação é uma prática antiga e pode ser observada em vários países. Porém, diferentemente do que ocorre em outros lugares, no Brasil a prática está associada ao uso inadequado e abusivo de medicamentos.

Muitos são os fatores, como a medicalização e as estratégias promocionais da indústria farmacêutica, que levam à efetivação de práticas e comportamentos “irracionais” por parte de indivíduos ou populações a utilizarem medicamentos. No Brasil, pelo menos 35% dos medicamentos são adquiridos por automedicação (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

O fenômeno de consumir é algo próprio do homem, e, assim como ele, também passou por diversas transformações. Sendo assim, o medicamento não está desvinculado dessa característica social. Aquino, Barros e Silva (2010) relatam que, atualmente, à medida que o padrão socioeconômico elevou-se, consumir foi convertido

A prática da automedicação entre estudantes...

em objetivo principal para o desfrute de graus de satisfatoriedade de bem-estar, onde bons níveis de saúde passaram a ser vistos como possíveis devido a uma curta relação na dependência do acesso ao diagnóstico e às terapêuticas.

Na medicalização uma das principais consequências de sua prática é a intensificação da dependência, pois as pessoas buscam resolver seus problemas, sejam eles médicos ou não, recorrendo aos serviços prestados pelo sistema de saúde. Por outro lado, na tentativa de definir o consumo em favor de seus produtos, as indústrias farmacêuticas abusam de diversas práticas promocionais que objetivam atingir o médico, o farmacêutico, o balconista, o dono da farmácia, os pacientes e os consumidores em geral (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

De acordo com Loyola Filho (2002), existe uma diversidade de fatores no âmbito econômico, político e cultural que vêm contribuindo para o aumento da automedicação no mundo, tornando essa atividade um problema de saúde pública. A propaganda comercial maciça de muitos remédios, a falta de orientação sobre os riscos e os efeitos colaterais existentes, a facilidade de aquisição sem a orientação médica, o rápido acesso às informações sobre os fármacos na internet ou vinculados em outras formas de comunicação, são alguns dos motivos que colaboram para o crescimento e difusão dessa conduta (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2001).

Contudo, pesquisas que buscam explicar os grupos que apresentam índices crescentes e indicativos da automedicação revelam dados curiosos, entre eles há estudos em que os maiores adeptos da automedicação são aqueles que dispõem de um maior grau de informação (NETO et al., 2006). Desta forma, deve-se considerar a importância da sensibilização e educação da sociedade quanto aos riscos da automedicação, evidenciando assim a necessidade desse tópico dentro da saúde pública.

Lopes, W. F. L. et al.

Os estudos de Galato, Madalena e Pereira (2012); Silva et al. (2011); Aquino, Barros e Silva (2010) e Neto et al. (2006) indicam que os indivíduos com maior grau de instrução são os que mais recorrem à automedicação. Para esses autores, o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais, especialmente nos centros de estudos superiores voltados para as ciências da saúde, ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam.

Portanto, a realização deste estudo justifica-se pela necessidade de se verificar a real influência do nível de educação formal e da área de estudo, na prática e na frequência da automedicação entre estudantes de uma Instituição de Ensino Superior (IES).

Por tudo isso este estudo objetivou avaliar a prevalência do uso da automedicação em alunos graduandos da área de saúde, humanas e exatas de uma instituição de ensino superior privada de Teresina-PI.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é um estudo epidemiológico descritivo com abordagem quantitativa e descritiva de cunho transversal, para a coleta dos dados aplicou-se um questionário semi-estruturado, com perguntas abertas e fechadas, a cerca dos conhecimentos e comportamentos em relação a automedicação em 280 estudantes de graduação da instituição privada de Teresina UNINOVAFAPI. Sendo selecionados das áreas de humanas e exatas de que dispõe a instituição, os seguintes cursos: direito, administração e engenharia civil. E sorteados respectivamente, os cursos de odontologia, enfermagem e radiologia que representam 33,33% do total de cursos da área da saúde existente na mesma. O questionário foi aplicado na própria instituição, onde os

R. Interd. v. 7, n. 1, p. 17-24, jan. fev. mar. 2014

A prática da automedicação entre estudantes...

estudantes encontravam-se matriculados, onde garantiu-se a total privacidade e sigilo ao sujeito da Pesquisa, conforme disposto na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O processamento dos dados realizou-se através do programa *PASW Statistics 18* (SPSS) e os resultados foram apresentados em tabelas para uma melhor compreensão.

O projeto foi submetido à apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário UNINOVAFAPI e aprovado sob o CAAE de nº 10745312.9.0000.5210.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foram entrevistados 280 estudantes divididos entre os 06 cursos sorteados nas áreas da saúde, humanas e exatas. Os cursos sorteados na área da saúde foram: enfermagem, odontologia e radiologia; na área de exatas e humanas investigaram-se os cursos de que a Instituição dispusera: engenharia civil, administração e direito. Do total de entrevistados, 160 (57,14%) eram do sexo feminino e a média da idade dos entrevistados foi de 23 anos. Da área da saúde 24,29% eram do curso de enfermagem, 20% eram de odontologia, 8,93% de radiologia. Em humanas 5,36% eram de administração e 31,43% cursavam direito. Nas exatas 10% pertenciam ao curso de engenharia civil. Pouco mais de 11,79% já possuíam outras graduações e 14,64% apresentavam na sua formação um curso técnico. A maioria, correspondendo a 85,4% (239) dos participantes apresentavam uma renda familiar de mais de dois salários mínimos. O número de estudantes com plano de saúde foi de 67,5% (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico da população estudada. Teresina (PI), 2013

		N	%	Media
Sexo	Masculino	120	42,86	
	Feminino	160	57,14	
Idade				23
Curso	Enfermagem	68	24,29	
	Odontologia	56	20,00	
	Administração	15	5,36	
	Engenharia Civil	28	10,00	
	Radiologia	25	8,93	
	Direito	88	31,43	
	Outra graduação	Sim	33	11,79
	Não	247	88,21	
Curso técnico	Sim	41	14,64	
	Não	239	85,36	
Renda mensal (em reais)	Sem renda	2	,71	
	Até 300	1	,36	
	301 a 622	4	1,43	
	622,1 a 1500	34	12,14	
	Mais de 1500	239	85,36	
Plano de saúde	Não	91	32,50	
	Sim	189	67,50	
Total		280	100,00	

Fonte: Pesquisa direta

Considerando os cursos avaliados, observou-se que do total de 280 acadêmicos avaliados, 256 (91,4%) realizaram automedicação adquirindo medicamentos sem prescrição médica. O número de estudantes que praticaram a automedicação no curso de odontologia foi 53 (94,64%), no curso de enfermagem foi de 64 (94,12%), em direito foi de 79 (89,8%) e no curso de radiologia foi de 17 (68,0%). Em contraste, as taxas mais elevadas dos resultados positivos para o abuso de medicamentos sem prescrição médica estão entre os acadêmicos dos cursos de administração e de engenharia civil com 100% (Tabela 2).

A prática da automedicação entre estudantes...**Tabela 2** - Automedicação por curso. Teresina (PI), 2013

Curso	Aquisição de medicamentos sem receitas					
	Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Enfermagem	64	94,12	4	5,88	68	100,00
Odontologia	53	94,64	3	5,36	56	100,00
Administração	15	100,00			15	100,00
Engenharia Civil	28	100,00			28	100,00
Radiologia	17	68,00	8	32,00	25	100,00
Direito	79	89,77	9	10,23	88	100,00
Total	256	91,43	24	8,57	280	100,00

Fonte: Pesquisa direta

Portanto, mesmo sendo administração e engenharia civil, pertencentes às áreas de humanas e exatas respectivamente, se apresentaram como os cursos onde mais se adquirem medicamento sem prescrição médica. Contudo, a diferença desse resultado para os cursos da área da saúde não é tão discrepante. Isso indica de uma forma geral, que a automedicação ocorrida nos cursos da saúde averiguados, aproxima-se muito da prática desta por indivíduos leigos que não possuem conhecimentos formais voltados para esta questão.

No estudo de Neto et al. (2006), que pesquisaram a automedicação entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Juíz de Fora em 213 graduandos, observaram que é comum a prática da compra de medicamentos em farmácias sem receita médica, sendo observado em 75% dos casos. Os mesmos autores observaram que a maioria dos estudantes de medicina, 90,36%, não julgam necessário procurar orientação médica para comprar remédios.

Aquino, Barros e Silva (2010) estudaram a automedicação entre acadêmicos da área de saúde, encontrando que 65,5% dos entrevistados

Lopes, W. F. L. et al. confirmaram ter feito uso de medicamentos nos últimos quinze dias. A maioria (70,8%) justificou o uso de medicamentos sem receita médica pelo conhecimento acerca do medicamento (uso há muito tempo, prescrição médica anterior e uso frequente por toda a família). 18,6% dos participantes alegaram falta de tempo de ir a um médico e um número menor (10,6%) apontou o difícil acesso ao sistema de saúde, razões financeiras, comodidade e a não necessidade de buscar cuidados médicos.

Em estudos realizados por Silva et al. (2011) com acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do sul do estado de Minas Gerais, dos quatro cursos avaliados observou-se que do total dos acadêmicos avaliados 93,11% praticavam a automedicação. No curso de enfermagem, a incidência da prática foi de 91,2%, enquanto no curso de farmácia 86,9% dos graduandos, já na odontologia a prática foi frequente em 93,8% da amostra.

Galato, Madalena e Pereira (2012), no estudo da automedicação e influência da área de formação em universitários de uma instituição de ensino superior do Sul do estado de Santa Catarina, verificaram que em relação à automedicação, 330 (96,5%) já realizaram essa prática, 137 (41,9%) já utilizaram sobras de medicamentos anteriores e 125 (37,0%) utilizaram medicamentos sem prescrição nos últimos 15 dias.

Referente à aquisição de medicamento por via do aconselhamento com o farmacêutico, observou-se em nosso estudo que a maioria dos acadêmicos - 166 (59,29%), buscaram tal ajuda com esse profissional, havendo predominância no curso de odontologia (66,07%), seguido de enfermagem (64,71%), engenharia civil (60,71%), direito (56,82%), administração (46,67%) e radiologia (44%) (Tabela 3).

A prática da automedicação entre estudantes...

Tabela 3 - Aconselhamento do balconista de farmácia para aquisição de medicamento por curso. Teresina (PI), 2013

Curso	Recebeu conselhos na aquisição					
	Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Enfermagem	44	64,71	24	35,29	68	100,00
Odontologia	37	66,07	19	33,93	56	100,00
Administração	7	46,67	8	53,33	15	100,00
Engenharia Civil	17	60,71	11	39,29	28	100,00
Radiologia	11	44,00	14	56,00	25	100,00
Direito	50	56,82	38	43,18	88	100,00
Total	166	59,29	114	40,71	280	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

Ogawa et al. (2001), em um estudo comparativo sobre a automedicação em estudantes do segundo ano de enfermagem e medicina e moradores do bairro Vila Nova, citaram que uma parcela semelhante de estudantes (36,5%) não aconselhavam-se com o farmacêutico no ato da aquisição de um medicamento. Porém, isso evidencia a existência de outros mecanismos que possam levar a automedicação, como a utilização de medicamento sem prescrição médica por decisão própria.

No trabalho de Aquino, Barros e Silva (2010), com relação à fonte que indicou o(s) medicamento(s), a porcentagem dos que referiram à existência de uma prescrição médica foi de 42,3% e aqueles que se automedicaram, ainda que influenciados pela mídia, por parentes, amigos, balconistas de farmácia, dentre outros, somaram 57,7% das pessoas.

De acordo com os dados obtidos em nosso estudo referentes ao conhecimento dos riscos da automedicação pelos estudantes entrevistados, 85,36% deles compreendiam esse risco. Analisando-se o percentual dos que tinham esse conhecimento dos riscos por curso, o resultado foi 96% entre estudantes de radiologia, 90,01% entre

Lopes, W. F. L. et al.

os estudantes de direito, 85,71% entre os estudantes de odontologia, 85,71% entre os de engenharia civil e 73,53% entre os estudantes de enfermagem.

É válido ressaltar que o curso de radiologia apresentou o menor número de acadêmicos que se automedicam (68,0%), visto que esses estudantes apresentaram a menor porcentagem dentre aos que recorrem ao aconselhamento com o farmacêutico para a aquisição de medicamentos e por serem os maiores conhecedores dos riscos da automedicação.

Neto et al. (2006) verificaram que dentre os estudantes de medicina pesquisados 97,87% relataram conhecer riscos da prática de automedicar-se. Apesar disso, a prática da automedicação foi comum correspondendo a 76,05%.

Tabela 4 - Grupo de fármacos alopáticos/homeopáticos mais comumente utilizados na automedicação. Teresina (PI), 2013

		Nº	%
Analgésicos	Sim	268	95,71
	Não	12	4,29
Anti-inflamatório	Sim	239	85,36
	Não	41	14,64
Xaropes	Sim	179	63,93
	Não	101	36,07
Antiasmático	Sim	35	12,50
	Não	245	87,50
Antibiótico	Sim	207	73,93
	Não	73	26,07
Corticoides sistêmicos	Sim	42	15,00
	Não	238	85,00
Corticoides nasais	Sim	43	15,36
	Não	237	84,64
Descongestionante	Sim	138	49,29
	Não	142	50,71
Antialérgico	Sim	61	21,79
	Não	219	78,21
Medicamentos para resfriados	Sim	202	72,14
	Não	78	27,86
Gotas otológicas	Sim	50	17,86
	Não	230	82,14
Tópicos para pele	Sim	91	32,50
	Não	189	67,50
Relaxante muscular	Sim	102	36,43
	Não	178	63,57
Antidepressivo	Sim	10	3,57
	Não	270	96,43
Anticonvulsivantes	Sim	4	1,43
	Não	276	98,57
Benzodiazepínicos	Sim	28	10,00
	Não	252	90,00

Fonte: Pesquisa direta

A prática da automedicação entre estudantes...

Os resultados dos nossos estudos evidenciam que entre os medicamentos vinculados no processo de automedicação descrito no estudo, prevalecem os analgésicos (95,71%), anti-inflamatórios (85,36%), antibióticos (73,93%), medicamentos para resfriados (72,14%), xaropes (63,93%), descongestionante (49,29%), relaxantes musculares (36,43%) e tópicos para a pele (32,50%) (Tabela 4).

No trabalho de Aquino, Barros e Silva (2010), o grupo terapêutico mais utilizados nos últimos 15 dias foram os “analgésicos/antitérmicos” citado por 24,0% das pessoas estudadas e “vitaminas/antianêmicos”, por 18,9%.

Ressaltam Silva et al. (2011), com referência aos medicamentos utilizados pelos acadêmicos que realizam automedicação em seu estudo que nos cursos de medicina e farmácia, os mais utilizados foram os analgésicos e antitérmicos, 93,03% e 94,44%, respectivamente, enquanto, nos cursos de odontologia e enfermagem, os medicamentos mais utilizados foram os fármacos para resfriados e gripes, 88,61% e 93,54%, respectivamente. Vale ressaltar que, em todos os cursos avaliados, mais da metade dos acadêmicos se automedicam com antibióticos, e uma pequena parcela, com antidepressivos.

Entre as queixas que motivaram a automedicação nos resultados obtidos pela pesquisa, podem-se destacar dores de cabeça (89,29%), resfriados (77,86%), febre (75,71%) e infecções de garganta (74,29%).

Na pesquisa de Ogawa et al. (2001), a principal queixa motivadora da automedicação foi a cefaleia, o que assemelha-se com os resultados agora encontrados. Mas em sua pesquisa, essa queixa 42,4% partia da comunidade e somente 18,5% dos estudantes.

Em Aquino, Barros e Silva (2010), dentre os motivos que levaram os estudantes a fazerem uso de medicamentos nos últimos quinze dias,

Lopes, W. F. L. et al. destacou-se a dor (30,5%). Imediatamente depois, surgiram a prevenção de resfriado/suplementação alimentar (12,7%) e resfriados (10,8%).

De modo geral, ressaltam Ogawa et al. (2001), que é necessário alertar à população dos riscos da automedicação. A cefaleia, principal motivador de automedicação pode ser um sinal ou sintoma relacionado a outro problema de saúde mais grave e que pode requerer cuidados e/ou tratamento específicos, como por exemplo, a hipertensão arterial.

Silva et al. (2011) afirmam que estudos conduzidos em países desenvolvidos e em países em desenvolvimento têm mostrado que o hábito de automedicação está associado à presença de sinais e sintomas menores, doenças ou condições crônicas mais graves levam ao uso de medicamentos prescritos.

Tabela 5 - Conhecimento dos riscos da automedicação de acordo com o hábito de automedicar-se. Teresina (PI), 2013

Conhecimento dos riscos	Aquisição de medicamentos sem receitas					
	Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	218	85,16	21	87,50	239	85,36
Não	38	14,84	3	12,50	41	14,64
Total	256	100,00	24	100,00	280	100,00

Fonte: Pesquisa direta

Buscou-se avaliar a associação dos conhecimentos do risco da automedicação com a prática desta, através de um teste estatístico (Qui-quadrado). Foi identificado que 256 estudantes se automedicaram, havendo uma prevalência de 218 (85,16%) que mesmo conhecendo os riscos a praticam, enquanto que dos 24 entrevistados que não se automedicam, 21 (87,50%) não a realizam por terem conhecimento da mesma. Com aplicação do teste estatístico, de uma forma generalizada, verificou-se que não houve diferença estatisticamente significativa

A prática da automedicação entre estudantes...

entre os que realizam a automedicação e os que não a realizam, quando associados aos conhecimentos dos riscos por todos esses cursos. Para que a associação fosse verdadeira o valor de “p” deveria ser menor que 0,095 (Tabela 5).

CONCLUSÃO

Diante dos resultados apresentados, pode-se concluir que houve um alto índice de acadêmicos que se automedicam, onde nos cursos de administração e de engenharia civil é constatada a maior frequência. Contudo, os cursos da área de saúde não se excluem desses resultados, pois se apresentaram muitos aproximados aos resultados de maior frequência. Entretanto, por se tratarem de futuros profissionais, especialmente quanto aos estudantes da saúde, a expectativa é que o consumo fosse bem menor do que o expresso e mais racionalizado. Mas, constata-se que é exatamente esse maior conhecimento que os habilita ao uso de forma inadequada. Na automedicação os medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos foram analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos, fármacos para resfriados e gripes, xaropes, descongestionantes, relaxantes musculares e tópicos para a pele e os principais sintomas/doenças que eles relatavam possuir foram dor de cabeça, febre, resfriado/gripe e infecções de garganta. Com estatística significativa, viu-se que a maioria dos acadêmicos que se automedicam recorre ao aconselhamento com o farmacêutico na compra de medicamentos, prevalecendo os acadêmicos do curso de odontologia.

Por fim, a automedicação é uma prática que pode acarretar danos à saúde do indivíduo. Assim sendo, cabe aos profissionais e acadêmicos, principalmente os da área da saúde reavaliar essa

Lopes, W. F. L. et al. conduta, propondo uma intervenção comportamental em interesse da qualidade da saúde.

Submissão: 07/09/2013

Aprovação: 12/10/2013

É importante enfatizar a necessidade de mais estudos sobre automedicação entre estudantes universitários, estudos que possam identificar inclusive se a experiência profissional ou técnica, em áreas da saúde interferem no processo de automedicação.

REFERÊNCIAS

AQUINO, D. S. de. BARROS, J. A. C. de. SILVA, M. D. P. da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciências & Saúde Coletiva**, Recife-PE, v. 15, n. 5, 2010.

GALATO, D. MADALENA, J. PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 12, p.3323-3330, 2012.

LOYOLA FILHO, A. I. et al. Prevalência e fatores associados a automedicação: resultados do Projeto Bambuí. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 1, 2002.

NETO, J. A. C. et al. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Rev.**, Juiz de Fora, v. 32, n. 3, 2006.

OGAWA, A. I. et al. Estudo comparativo sobre a automedicação em estudantes do segundo ano de enfermagem e medicina e moradores do bairro vila nova. **Rev. Espaço para a Saúde**, v. 3, n. 2, 2001.

PACHELLI, C. A. A propaganda de medicamentos e a prática da automedicação no Brasil. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 37, n.2, p. 409-425, mar./abr., 2003.

SCHMID, B. BERNAL, R. SILVA, N. N. A automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 6, 2010;

SILVA, L. S. F. et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. **Odontol. Clín.-Cient.**, Recife, v. 10, n.1, p. 57 - 63, jan./mar., 2011.

R. Interd. v. 7, n. 1, p. 17-24, jan. fev. mar. 2014